

**Marxismo e Cotidianidade:**  
o impasse da formação acadêmica frente às práticas do Serviço Social nas  
instituições hospitalares.

Ana Claudia Correia Nogueira<sup>1</sup>  
Edna Donzelli<sup>2</sup>  
Márcio Nunes da Rocha<sup>3</sup>

Resumo:

Este artigo introduz algumas reflexões sobre a relação conflituosa entre os princípios e objetivos perseguidos pelo projeto ético-político, preponderante na formação acadêmica do assistente social e a prática concreta do Serviço Social nas instituições hospitalares. Este estudo mostra a reflexão sobre as possibilidades de relações teórico-práticas entre esses dois pólos a partir de informações oferecidas nos diferentes momentos onde essas relações se estabelecem e de algumas tentativas de sua elucidação produzidas pelo Serviço Social brasileiro.

Palavras-chave: projeto ético-político; instituição; cotidianidade.

MARXISM AND QUOTIDIAN: THE IMPASSE OF THE GRADUATION PROCESS FRONT  
THE PRACTICES OF THE SOCIAL WORK IN THE HOSPITALS.

Abstract:

This article introduce some reflections about the hard relation between the principles and aims of the ethical-politic plan preponderant in the Graduation Process of the Social Work and the practice of the Social Work in the hospitals. This study show the reflection about the possibility relation between theory and practice in the moments differents in the production Brazilian Social Work.

Keywords: ethical-politic plan; institution; quotidian.

O presente texto tem como objeto de estudo a relação conflituosa entre os princípios e objetivos perseguidos pelo projeto ético-político, preponderante na formação acadêmica

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda de Serviço Social em Oncologia-INCA

<sup>2</sup> Professora Doutora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense.

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

do assistente social (mais especialmente das universidades públicas) e a prática concreta do Serviço Social nas instituições. Trata-se de um estudo introdutório dessa relação, cujo objetivo é refletir sobre as possibilidades de relações teórico-práticas, entre esses dois pólos da formação profissional a partir de informações oferecidas nos diferentes momentos onde essas relações se estabelecem (ou deveriam se estabelecer) e de algumas tentativas de sua elucidação produzidas pelo Serviço Social brasileiro (Gentili, 1998, 2001; Vasconcelos, 1997.).

As reflexões aqui contidas partem do que a experiência da prática real e da reflexão sobre ela nos informa como problema<sup>1</sup>. A análise parte dos resultados da observação dos processos desenvolvidos pela ação profissional efetiva, expressos nas falas de profissionais de campo<sup>2</sup> e de alunos<sup>3</sup> estagiários, como também de elementos colhidos na convivência cotidiana com a orientação pedagógica de uma universidade pública federal. Pode-se afirmar que as ações profissionais do Serviço Social em Unidades de assistência à saúde seguem padrões ditos tradicionais, segundo a classificação de Netto<sup>4</sup>, em nítida desconexão com o projeto ético-político ensinado nas escolas de Serviço Social estaduais e federais<sup>5</sup>. Constata-se que o discurso profissional, embora na maioria dos casos expressem uma posição centrada na crítica das relações sociais excludentes criadas pelo sistema sócio-econômico em vigência e afirmem uma nova postura ética, por ele mesmo não tem havido a sua completa decorrência operacional nas ações cotidianas efetivamente realizadas nas instituições, notadamente da saúde.

Essa contradição se mostra ainda não superada e tem como resultado mais diretamente a ela relacionado a posição do profissional de Serviço Social como simples executor dos objetivos institucionais e não transformador dessa orientação, o que mantém a prática profissional real ainda sob formas que expressam uma visão da realidade social de fundo funcionalista, mas empiricista, tendo pouca visibilidade nas transformações esperadas, senão a reafirmação da subalternidade da população atendida nas relações institucionais. A partir da colocação do problema assim revelado, o segundo momento será o de verificar na literatura o que já foi construído sobre a problemática das relações teoria e prática institucional e tentar um primeiro equacionamento do contraponto entre o solo paradigmático do projeto ético-político e aquele que sustenta concretamente as ações cotidianas dos profissionais de Serviço Social.

A literatura informa que o marxismo no Serviço Social se definiu como um novo projeto teórico de ação profissional a partir da década de 80 e, nesse mesmo movimento, definiu seus objetivos e metas fundamentadas no marxismo ortodoxo<sup>6</sup>. É a posição ortodoxa que vai se desenvolver de forma acentuada no Brasil e que se mostra ainda em sua plena força teórica na formação universitária e nas produções acadêmicas. A possibilidade da introdução dos princípios e objetivos do projeto marxista na prática institucional foi rejeitada pelo marxismo positivista de Althusser, mas foi tentada nos anos oitenta por alguns autores de expressão que, de alguma forma, incluíram as dificuldades dessa transição nas reflexões da categoria profissional. Pode-se distinguir dentre esses autores duas orientações nitidamente diferentes. A primeira é representada pela tendência de traduzir o cerne da problemática gerada pela necessária relação dialética entre teoria e prática como conseqüências de uma formação profissional ainda aquém das exigências desejadas (Iamamoto, 2000). A segunda, pela dependência da profissão em relação ao sistema público de assistência, historicamente insuficiente em relação às demandas da população e em processo permanente de desmonte, via políticas governamentais, atreladas ao neoliberalismo e ao capitalismo pós-industrial, matéria prima do serviço social<sup>7</sup>. Embora ricas em proposições, em geral bem fundamentadas, essas produções deixam de considerar a questão da aplicabilidade do projeto, recusando-se, portanto, a enfocar a polêmica questão das possibilidades dos recursos lógicos do arcabouço teórico do marxismo ortodoxo nas condições particulares das instituições<sup>8</sup>.

Há autores, entretanto, que tentaram responder à questão das possibilidades de se introduzir o projeto ético-político nas peculiaridades da prática institucional tendo como ponto de partida as ações profissionais como efetivamente desenvolvidas nas instituições. Três desses autores respeitam o critério de considerar a prática real como o objeto inicial de suas análises. Ultrapassam, portanto, as tentativas que se firmaram apenas como uma projeção direta dos princípios estabelecidos pelo arcabouço teórico do marxismo para uma nova prática do Serviço Social. Pela própria perspectiva de análise escolhida, desenvolveram propostas não só afirmativas da possibilidade de uma prática marxista nas instituições, mas sobretudo visando à ultrapassagem da colocação dos obstáculos nas condições externas oferecidas ao Serviço Social para aquelas diretamente relacionadas com suas formas de atuação.

Foram selecionados Maria Luiza de Souza, na década de 80, Vicente de Paula Faleiros nas décadas de 80 e 90 e mais recentemente as contribuições de Ana Maria de Vasconcelos. Esses autores buscam descobrir nos conteúdos teóricos do marxismo a possibilidade de se fundamentar uma perspectiva transformadora da prática tradicional que de acrítica e comprometida com a instituição passe a ser crítica dos fundamentos e dos princípios que regem essa prática, partindo do compromisso com a população usuária e visualizando a substituição do compromisso profissional com o sistema pelo ético-político. Embora os dois trabalhos mais relevantes de Souza (1982, 1983) tenham sido produzidos no início da década de 80, em um momento histórico do marxismo no Serviço Social que sofreu modificações importantes no decorrer das décadas seguintes, sua proposta merece ser analisada pelo fato de incluir, pela primeira vez na literatura nacional e de forma cientificamente correta, um estudo analítico da prática profissional como se dando nas instituições pesquisadas (1982: 80-98). Sob o enfoque da noção de “participação”<sup>9</sup>, Souza denuncia a fragilidade de suas fundações teóricas e a impossibilidade de se operacionalizar as ações projetadas por se apoiarem em valores de natureza filosófico-metafísica, portanto, valores abstratos. Centralizando nos bloqueios da participação da população nas relações instituição/população, a problemática do objeto profissional para Souza, a intervenção, a partir deste objeto, deverá atuar sobre as normas existentes, que são “um meio de penetração consciente da população na realidade institucional”, o “canal de expressão das suas necessidades próprias de participação”<sup>10</sup>. Para a autora, o objetivo específico do Serviço Social é a “participação política” da população usuária no exercício de seus direitos sociais como postos nos diversos tipos de atendimento nas instituições. Define as finalidades como sendo as transformação das relações sociais de alienadas em participantes sob a forma de um processo de transformação do homem abstrato, inerente à perspectiva positivista, para o homem concreto do marxismo. Cabe ao assistente social desencadear o processo da participação da população objetivando a transformação das normas através da conscientização da clientela, ou construir, a partir das necessidades de participação desta clientela, novas normas para esse fim. A inversão proposta pela autora está em traduzir o funcionamento social como um obstáculo à participação dos sujeitos assistidos face às relações contraditórias do homem com a estrutura social que o empobrece e reifica. Para Souza, os problemas da assistência à população são sempre relacionados com os bloqueios

do próprio funcionamento e eficácia das organizações e quase nunca aos bloqueios de participação da população provocados pelas exigências de funcionamento e eficácia daquelas, de tal forma que a preocupação básica dominante do Serviço Social institucional torna-se o funcionamento da instituição.

Embora os fundamentos teóricos nos quais Souza apóia o seu projeto teórico tenham sido pouco aprofundados e se mostrem hoje ultrapassados frente a um remarcável aprofundamento dos recursos teóricos do marxismo desenvolvido pelo Serviço Social brasileiro, sua pesquisa oferece aos estudiosos e pesquisadores uma análise das práticas institucionais ainda bastante atual. Denuncia o saber espontâneo da prática profissional de base no senso comum, a separação entre ciência e técnica, e a dependência do Serviço Social dos princípios e objetivos institucionais<sup>11</sup>. Após duas décadas da publicação de seus trabalhos, a distinção feita por Souza entre o projeto de uma nova orientação de prática profissional, então crítica, e o da prática cotidiana real nas instituições permanece essencialmente a mesma: de um lado, o compromisso com o funcionamento e a eficácia da organização e formas empíricas de atuação; de outro, o da não participação dos usuários na perspectiva transformacionista das relações institucionais. Também não se pode considerar ultrapassada a sua posição quando considera as possibilidades do projeto de cunho marxista apenas dependente da consciência e do compromisso profissionais<sup>12</sup>, posição que define, mas não viabiliza, a nova orientação, ainda defendida por muitos marxistas no Serviço Social brasileiro. O aspecto que não mais corresponde aos esforços atuais de introdução do projeto ético-político nas práticas institucionais é a sua noção de conscientização que se dá plenamente em acordo com a posição do marxismo no momento histórico da crítica a Reconceituação.

É o pensamento dialético, primeiramente sob a perspectiva de Gramsci e posteriormente de Lukács, que vai influenciar os demais autores incluídos na presente análise, mesmo se a complexidade do conceito não tenha sido sempre bem compreendida em seu sentido original. Vicente de Paula Faleiros, embora não se apoiando em pesquisa sistemática sobre a prática real do Serviço Social nas instituições, traz à questão teórico-metodológica do Serviço Social de cunho marxista contribuições que tomam como ponto de partida a prática profissional como ela se dá nas instituições, com acurada percepção tanto dos obstáculos que imprimem a sua dependência da ideologia do sistema, quanto da

necessidade de repensá-la a partir das possibilidades oferecidas pela literatura mais contemporânea do marxismo. Influenciado por Gramsci e Lukács, embora guardando traços do pensamento althusseriano, as análises e reflexões de Faleiros são direcionadas para a construção do conhecimento crítico-dialético da prática profissional do Serviço Social. Essa preocupação o autor expressa em sua crítica à excessiva centralização da formação profissional na questão social, no enfrentamento do universo da produção e reprodução da vida social, com o risco de reduzir a formação profissional à compreensão da teoria da reprodução das condições de produção, fechando, dessa forma, as possibilidades da “crítica interior” do próprio marxismo (Faleiros, 1996)<sup>13</sup>.

Por outro lado, é importante considerar as produções de Faleiros dos anos 80 como uma introdução ao pensamento dialético no Serviço Social brasileiro e latino-americano, tendo como perspectiva de análise a prática institucional. Embora utilizando conceitos e noções de diversos pensadores marxistas, beirando o ecletismo, suas produções dessa época foram talvez as primeiras a colocar o conceito lukácsiano de mediação como o instrumento crítico-dialético que possibilitaria a concreta transformação das relações institucionais pela ação profissional. O autor tenta repensar o conceito nas articulações entre a prática institucional e o processo político, objetivando a reversão das relações autoritárias que excluem o verdadeiro agente de transformação, o usuário. Embora situando com clareza a possibilidade do desenvolvimento de um processo político de reversão das relações institucionais pelas mediações presentes ou a serem criadas no contexto necessariamente contraditório da instituição, Faleiros não visualiza esse processo fundamental de transformação como assumindo também ele características particulares no contexto particular da instituição. Retoma a instituição como um campo genérico de luta de classes em busca do Poder político, com apelo às forças de pressão externas como sustentação político-partidária de transformação<sup>14</sup>.

Estudos e pesquisas de Ana Maria de Vasconcellos trazem novas reflexões sobre as possibilidades de introdução do pensamento crítico-dialético nas práticas institucionais. Em um esforço teórico de lançar as bases operacionais dessa passagem, Vasconcellos (2002) parte do estudo da prática efetiva, confirma as condições da prática institucional já analisadas em Maria Luiza de Souza e a mediação como instrumento de transformação, noção já presente em Faleiros. A partir de um estudo sobre a realidade do Serviço Social no

cotidiano dos serviços de saúde no Município do Rio de Janeiro<sup>15</sup>, a autora afirma que aos assistentes sociais que visam romper com práticas conservadoras não cabe reproduzir o processo de trabalho capitalista, visto o seu caráter alienante. Para a reversão das práticas conservadoras é necessário buscar historicamente a ruptura com as formas capitalistas de trabalhar, pensar, efetivando ações que, além de prestar assistência, resultem em um processo educativo. A partir dessas considerações, a autora define o projeto ético-político como uma ação profissional que venha romper com o conservadorismo preponderante no domínio da prática, colocando referências concretas para a ação profissional, possibilitando a reconstrução permanente do movimento da realidade (objeto da ação profissional como expressão da totalidade social) e gerando condições para um exercício profissional consciente, crítico, criativo e politizante que só pode ser empreendido se mantida a relação de unidade entre teoria e prática<sup>16</sup>. Introduce um aspecto importante e pouco analisado na literatura tradicional marxista que é a dificuldade colocada pelo grau de alienação da população atendida, profundamente ignorante de seus direitos. Introduce na perspectiva da ação cotidiana do Serviço Social a noção de conscientização, passível, segundo a autora, de ser trabalhada, minimamente, nas ações voltadas para o indivíduo, mas se firmando como mais promissora nas dinâmicas de grupo<sup>17</sup>.

Apesar de aprofundar os recursos metodológicos da abordagem crítica, constata-se, entretanto, em Vasconcelos a ausência de formulação precisa da instrumentalidade dos recursos sugeridos, formulação que necessariamente deverá manter a coerência paradigmática com os fundamentos teóricos do marxismo. Observa-se uma forte tendência ao recurso da compreensão espontânea do sentido e motivações dos sujeitos implicados, sugerindo resoluções ecléticas pela referência a noções específicas, mas não identificadas, de correntes do pensamento hermenêutico, a lógica compreensiva, recursos não abordáveis pelo núcleo teórico do materialismo histórico.

Vê-se nessa dificuldade o impasse central do projeto ético-político quando se introduzindo na prática cotidiana da assistência à saúde. Não oferecendo recursos lógicos e nem conteúdos teóricos para o enfrentamento da alienação se expressando como experiência de caráter singular, relega essa possibilidade a estudos e recursos de status epistemológico não definido, condição que pode levar a construção do saber profissional a

buscar apoio em recursos teórico-metodológicos que caracterizaram, em décadas passadas, exatamente o projeto profissional que a posição marxista pretende ultrapassar.

Dos autores analisados, pode-se retirar algumas observações relevantes. Primeiramente, as tentativas de transformação da prática tradicional pela introdução da posição marxista nas ações profissionais desenvolvidas nas instituições tiveram um avanço considerável desde a década de 80 pela introdução da noção dialética de mediação como instrumento de transformação das relações institucionais, conceito, entretanto, ainda não bem compreendido enquanto fenômeno essencialmente dialético, portanto irreduzível à qualquer processo direcionado pela lógica causal, seja linear ou estrutural. Um terceiro aspecto considerado relevante neste estudo é a introdução, por Vasconcelos, da pessoa do usuário excluído pelo sistema como objeto de transformação, ou seja, passível de intervenção, tendo como consequência a passagem da consciência alienada à política, considerando o usuário como agente de transformação das relações sociais nas condições particulares do cotidiano institucional. Porém, dessa forma, inclui a noção de singularidade e, com isso, instaura um problema central para a reflexão marxista se propondo projeto profissional direcionado para ações interventivas nas instituições<sup>18</sup>.

O impasse do paralelismo entre os conteúdos do ensino acadêmico e as exigências de atuação nas instituições traz dificuldades que não podem ser mais alijadas da discussão acadêmica, pois se mostram fundamentais para a continuidade da construção do conhecimento do Serviço Social e da qualificação profissional. Visto a importância dessa contribuição, o problema central a ser discutido no atual momento histórico da profissão está em possibilitar o encaminhamento fundamentado pela pesquisa da discussão referente aos recursos teóricos e operacionais permitidos pelo pensamento paradigmático marxista nas práticas institucionais. Para tal, como passo inicial desse encaminhamento, é necessário à ultrapassagem de crenças muito difundidas no Serviço Social que permitem ou reduzem os obstáculos presentes na efetivação do projeto ético-político nas instituições à materialidade do Serviço Social, ou a de considerar o problema apenas como resultado da insuficiente formação teórica dos profissionais, então despreparada nos quesitos pesquisa e fundamentos do marxismo clássico<sup>19</sup>. Tudo indica que as diretrizes fundamentais das práticas institucionais não são, de fato, 'proto-formas' de um processo operacional que para se tornar científico, portanto marxista, exigiria apenas a sua formulação pelos recursos

substantivos e lógicos do marxismo clássico. Ao contrário, a prática institucional se apóia incontestavelmente em uma construção paradigmática, cujos recursos substantivos e lógicos são fundamentalmente contrariantes do projeto ético-político<sup>20</sup>. Por um lado, afirmar a impossibilidade de construção do conhecimento teórico do Serviço Social seria a opção pelo distanciamento radical do projeto marxista da prática institucionalizada do Serviço Social, rompimento que vai necessariamente exigir a dissolução de uma importante contribuição dessa vertente na profissão e deixar em aberto um fato irrefutável que é a mudança de postura profissional, antes neutra e ascética, para ética e comprometida com a população, mudança de importância decisiva na formação dos profissionais com resultados positivos na América Latina. Por outro lado, não considerar essa posição conclusiva como resposta à possibilidade de construção teórico-metodológica do Serviço Social exigirá alçar a reflexão à instância onde de fato o fenômeno se dá, aquela da impossibilidade de coexistência entre posições paradigmaticamente irreduzíveis.

A questão, pois, dos limites e possibilidades paradigmáticas do marxismo ortodoxo quando se introduzindo nas formas tradicionais da intervenção institucional torna-se um pólo problemático por excelência no Serviço Social. O clareamento da conjunção entre a ortodoxia marxista e a prática institucional se anuncia tendo como ponto de partida a difícil tarefa de construir instrumentos que possibilitem a socialização de usuários pela práxis crítico-dialética no cotidiano institucional sem renegar finalidades e objetivos já definidos pela teoria e dela coerentemente decorrentes. Mais especificamente, tem a tarefa de encontrar na noção de cotidianidade do marxismo clássico uma metodologia de abordagem que atue na instância das expressões singulares da alienação, que se desenvolva na instância política da crítica ao sistema, portanto, comprometida com a população subalternizada pelo sistema institucional, e mantenha, nesse processo, a coerência paradigmática exigida por toda prática decorrente de uma teoria científica, sua matriz teórica.

## **Notas:**

---

<sup>1</sup> Essa primeira condição tem sido oferecida no exercício da supervisão docente, nas trocas de experiência, mesmo informal, com colegas da Universidade, também na escuta atenta dos questionamentos colocados pelos supervisores de campo, no testemunho crítico dos alunos em campos de estágio e de profissionais de

---

Serviço Social. Em seguida buscamos nos estudos e pesquisas presentes na literatura contemporânea do Serviço Social<sup>1</sup> as respostas já formuladas e sua abrangência ou não frente à problemática em questão.

2 Nos anos de 2004, 2005 e 2006, essa questão foi colocada e refletida por um total de 52 supervisores de campo, alunos regulares do Projeto de Extensão intitulado Supervisão em Serviço Social da professora Luzia Cartaxo, PROEX-UFF, módulo “Conteúdos da Supervisão”

3 A questão das relações entre teoria e prática profissional do Serviço Social tem se constituído, desde 2004, o eixo de análise da Disciplina Estágio Supervisionado do professor autor, Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense de Niterói – RJ. Desde então, aproximadamente 90 alunos estagiários em instituições hospitalares puderam se colocar de forma objetiva frente ao problema da dicotomia teoria e prática do Serviço Social naquele campo de atuação.

4 Expressão utilizada por José Paulo Netto (1989) para caracterizar o Serviço Social de fundamentação positivista-funcionalista como desenvolvido no Brasil.

5 Considera-se o marxismo ortodoxo como a posição ideo-política e teórica no Serviço Social que se firmou a partir da crítica ao Movimento de Reconceituação Latinoamericana nos anos 80, o encontro com o pensamento dialético de Gramsci e de Lukács e que permanece fiel ao materialismo histórico como a matriz teórica do Serviço Social, recusando toda revisão do arcabouço teórico do marxismo clássico.

6 Mais especialmente Kameyana, Nobuko; Iamamoto, Marilda; M.O.da Silva e Silva. A solução fica dependente do desenvolvimento da capacidade pesquisadora dos profissionais e do conhecimento aprofundado dos princípios teóricos do marxismo clássico, pois, sem tais capacitações, o projeto não poderá se desenvolver conforme suas reais possibilidades.

7 Discurso influenciado por análises da realidade social sob o enfoque crítico do materialismo histórico e de grande influência na formação profissional nas décadas passadas. Nessas produções, a resolução da problemática das relações entre a teoria e a prática institucional dependeria das pesquisas da realidade social criando uma consciência profissional crítica dessa realidade, mas a resolução da intervenção fica restrita à aplicação direta das normas estabelecidas pelo código de ética da profissão que, na realidade, define postura profissional, mas não contempla a operacionalização dos princípios ali determinados.

8 Embora em suas análises mais recentes, Iamamoto considera ser próprio do Serviço Social recuperar a diversidade interna e as particularidades dos sujeitos com os quais e para os quais o assistente social trabalha, desvelando em suas ações os “liames do poder institucional”, está ausente nos trabalhos da autora a preocupação com os recursos metodológicos e instrumentais de “transfiguração dos sujeitos na esfera da política” nas condições contraditórias impostas pela organização institucional. As condições reais da prática institucional também não são colocadas.

9 O aspecto polêmico dessa questão está no fato dessas práticas terem sido formatadas a partir de objetivos e princípios que antecedem o pensamento marxista no Serviço Social e se fundam em uma ideologia que contraria radicalmente finalidades, objetivos e metas do projeto ético-político. A questão epistemológica da impossibilidade da ‘passagem’ ou ‘assimilação’ de um a outro ou pelo outro paradigma não é ainda visualizada por essa orientação.

10 Dando continuidade à sua análise, Souza considera a orientação metodológica desvinculada de recursos explicativos da realidade (a noção de totalidade oferecida pelo marxismo) como a razão da não construção do conhecimento no Serviço Social, tendo como consequência ‘explicações’ com base no senso comum e sofrendo o processo de ‘sedimentação’. Souza vê na não formulação científica da prática profissional a dependência do Serviço Social das formas de pensar dos grupos privilegiados, como se fossem expressões reais das necessidades e interesses do corpo social (1982: de tal forma que “objeto e objetivo profissional se confundem com o objeto e objetivo das organizações”. Id: 96-97).

11 “Concebendo o método como conjunto de procedimentos técnicos, deixa em segundo plano as explicações científicas da realidade sobre a qual opera, considerando-as até dispensáveis”. Souza, M.L., 1983, p. 80.

12 A identificação de objetivos e finalidades do Serviço Social institucionalizado com aqueles implícitos nas organizações estatais e privadas, da assistência social. Aspecto explorado por Souza (1983), Lopes (1982) entre outros e de forma mais aprofundada em Netto (1989).

13 Essa preocupação também se mostra quando da reflexão sobre as propostas das ementas das Diretrizes Curriculares relativas à prática e do processo de pesquisa e aprendizagem que não abordam de forma consistente a questão da intervenção profissional. Para o autor, esses aspectos fazem com que haja redução de todo investimento na construção teórico-metodológica da profissão durante mais de quatro décadas. Apesar do teor crítico dos textos, não é encontrado nas produções de Faleiros o desenvolvimento e aprofundamento da redução por ele anunciada e que exigiria o voltar-se para o “interior” do próprio marxismo. Fica também

---

sem resposta a sua observação sobre a orientação da pesquisa e da aprendizagem que traria, de forma consistente, a correta investigação da intervenção profissional.

14 Buscando recursos teóricos na generalização abstrata da luta de classes, Faleiros necessariamente abandona a sua opção inicial, o conceito genuinamente dialético da práxis marxista, para recair, em última instância, na perspectiva das forças coletivas como recurso final de transformação das relações institucionais, a práxis revolucionária da macro-estrutura transposta para o contexto micro das condições das instituições particulares e dependentes da macro expressão do sistema sócio-econômico. Não partindo da concepção dialética da realidade social, o projeto de Faleiros e o proposto por Souza tendem a ser desestruturantes e não transformadores das relações sociais concretamente presentes nas instituições.

15 Pesquisa de Campo mediada por uma pesquisa bibliográfica que expõe uma análise do trabalho profissional dos assistentes sociais frente ao contexto de aprofundamento da proposta neoliberal no Brasil da última década.

16 Os recursos ou instrumentos indicados pela autora para introduzir a possibilidade de transformação são as entrevistas, os grupos, as reuniões de sala-de-espera, entre outras que possibilitem uma prática reflexiva. Prática reflexiva seria uma prática que, envolvendo sujeitos sociais - usuário/profissional, profissional/usuário - contribua na politização das demandas apresentadas ao Serviço Social.

17 É importante assinalar que a proposta de Vasconcelos não visa educar sujeitos para a realidade posta a partir de suas potencialidades e dos recursos institucionais. O que Vasconcelos propõe é um processo de formação da consciência política dos usuários, portanto crítica do status quo, e de uma concepção de subjetividade explicitada nas relações entre o fenômeno da alienação do sujeito pelo sistema e a vocação histórica do trabalhador como agente de transformação das estruturas sociais capitalistas.

18 Sabe-se que “dar conta” dos processos de natureza subjetiva no conjunto das ações cotidianas da prática institucional do assistente social introduz necessariamente o fenômeno da singularidade que vai exigir novos parâmetros de reflexão, parâmetros que o arcabouço teórico do marxismo não contempla. Essa dificuldade é percebida pela própria autora quando se refere a CTIs e UIs, quadros extremos de pessoas vivenciando grandes perdas, doentes graves, terminais, etc, situações de finitude-humana que a autora não desenvolve na composição do projeto de prática profissional. Não deixa, entretanto, de considerar que há necessidade de rompimento com os encaminhamentos, orientações e apoio que não propiciem a inclusão social de todos os sujeitos; há que se aprofundar estudos para poder viabilizar uma prática que leve o sujeito neste quadro a uma verdadeira emancipação, sem ser excluído, nem isolado de suas relações sociais.

19 Este terceiro aspecto se mostra o mais fragilizado dentro da opção ortodoxa do projeto marxista no Serviço Social. Uma compreensão suficiente dos fundamentos lógicos do materialismo histórico indica aqui uma dificuldade maior: a impossibilidade de se abordar as maneiras singulares de significar o mundo, ou seja, de ir além das causas em busca das razões da própria subalternidade a partir do arcabouço teórico do marxismo clássico ou ortodoxo.

Reduzir, pois, a dificuldade das relações teoria e prática no Serviço Social à materialidade dos recursos institucionais encontram um argumento irrefutável muito bem colocado por Vasconcelos: os obstáculos apresentados pela instituição, em última análise, pelo status quo, sejam eles materiais ou políticos, não podem ser considerados os verdadeiros obstáculos à concretização do projeto marxista no Serviço Social por justamente constituírem a razão da própria intervenção crítica, a matéria prima do Serviço Social. De fato, o marxismo no Serviço Social não teria nenhum significado profissional se, fundamentalmente, não se desdobrasse em uma prática transformadora desse mesmo status quo. No segundo caso, acreditar na impossibilidade de se relacionar teoria e prática no Serviço Social por conta da formação acadêmica contraria um fato inegável: a qualidade das produções acadêmicas que marcam a literatura do Serviço Social nessas últimas décadas e a intensificação de projetos de pesquisas nos programas de graduação e de pós-graduação nas universidades públicas.

20 Essa colocação já foi demonstrada por Netto (1998) como tarefa impossível de ser realizada por razões que o autor coloca na ausência da noção de ‘totalidade’, mas que de fato se encontram de forma mais fundamental no caráter contraditório de um projeto em relação ao outro.

---

## **Bibliografia**

- ABEPSS. Documento ABEPSS 1998 e artigos correlatos dessa data à atualidade.
- BURIOLA, M.A.F. O estágio supervisionado. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- CADERNOS ABESS. A Metodologia do Serviço Social n° 3. São Paulo: Ed. Cortez, 1989
- FALEIROS, V. de P. Serviço Social: questões presentes para o futuro. In: Serviço Social e Sociedade n° 50. São Paulo: Ed. Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_ A Produção do Conhecimento em Serviço Social. In: Serviço Social e sociedade n° 5. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_ Estratégias em Serviço Social. In: Serviço Social e Sociedade n° 5. São Paulo: Ed. Cortez, 2005.
- GENTILLI, R. de M.L. Representações Sociais e Práticas: identidade e processo de trabalho do serviço social. São Paulo: Ed. Veras, 1998.
- \_\_\_\_\_ a Prática como Definidora da Identidade Profissional do Serviço Social. In: Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n° 53, março 1997.
- IAMAMOTO, M. O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 3ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.
- LESSA, S. Serviço Social e Trabalho; do que se trata? In: Temporalis 2. Diretrizes Curriculares: polêmicas e perspectivas. ABEPSS. Ano I, n°2, junho a dezembro de 2000, p.35-58..
- NETTO, J. P. Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. São Paulo: Ed. Cortez, 1990.
- \_\_\_\_\_ Transformações Societárias e Serviço Social. In: Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n° 50, p. 117-119.
- RAMOS, M.H.R. e COSTA, M.de F.C.M.G. Trabalho Produtivo e Trabalho Improdutivo: uma Contribuição para Pensar a Natureza do Serviço Social Enquanto Prática Profissional. In: Revista Temporalis 2. Diretrizes Curriculares : polêmicas e perspectivas. ABEPSS. Ano I, n° 2, junho a dezembro de 2002, p. 59-94.

---

SILVA, O. da S. O Serviço Social e o Popular: resgate teórico-metodológico do projeto profissional de ruptura. São paulo: Ed. Cortez, 1995.

SOUZA, M. Luiza de. Serviço Social e Instituição. São Paulo: Ed. Cortez, 1982.

\_\_\_\_\_. Serviço Social e Instituição: a questão da participação. São Paulo: Ed. Cortez, 1982.

SPOSATI, A. et alii. Assistência na Trajetória das Políticas Sociais Brasileiras: uma questão em análise. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.

VASCONCELOS, A. M. Prática do Serviço Social – cotidiano, formação e alternativas na área da saúde. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Serviço Social e Práticas Democráticas. In: BRAVO, M. I. S. e PEREIRA, P. A. P. (Org.). Política Social e Democracia. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

\_\_\_\_\_. Serviço Social e Prática Reflexiva. In: Em Pauta. Número 10, Rio de Janeiro, FSS/UERJ, 1997, pp. 131-181.